

Família: uma escrita que não cessa (...)

Family: a writing that never ceases to be written (...)

Thomas Joaz Gonçalves CABRAL¹

Fernanda Wanderley Correia de ANDRADE²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a família e sua dinâmica, não na perspectiva de algo posto e definitivamente pronto, mas como algo que está, sem cessar, em movimento. Para tal finalidade, tomamos como caminho de reflexão o estabelecimento de um diálogo entre a produção de um texto e as tramas da escritura de uma dinâmica familiar, diálogo este que permite encontrar tanto os pontos de convergência quanto os pontos de divergência, possibilitando um melhor delineamento do fenômeno proposto. O aporte teórico apoia-se, principalmente, nos conhecimentos da linguística textual e nos ensinamentos psicanalíticos de Freud, Lacan e de alguns dos seus seguidores. Em termos metodológicos, de ordem descritiva, lançamos mão de uma pesquisa bibliográfica através da interface entre esses saberes. No final, foi possível perceber que há tanto aproximações quanto distanciamentos entre o texto e os fatores de textualidade que o produzem e a escrita da trama familiar, permeada de pactos conscientes e inconscientes, em um funcionamento sem cessar, pelos próprios membros desse coletivo.

Palavras-chaves: Texto. Linguística textual. Dinâmica familiar. Psicanálise.

Abstract: The purpose of this article is to reflect on the family and its dynamics, not in the perspective of something set and definitely ready, but as something that is, constantly, in motion. For this purpose, we take as a path of reflection, the establishment of a dialogue between the production of a text and the plots of the writing of a family dynamic, a dialogue that allows to find both points of convergence and points of divergence, enabling a better outline of the proposed phenomenon. The theoretical contribution is based mainly on the knowledge of textual linguistics and the psychoanalytical teachings of Freud, Lacan and some of his followers. In methodological terms, of a descriptive order, we used a bibliographic search through the interface between these knowledges. In the end, it was possible to notice that there are approximations and distances between the text and its textuality factors that cross its production and writing of family history and awareness and unconscious, in a functioning without ceasing, by the members themselves of this collective.

Keywords: Text. Textual linguistics. Family dynamics. Psychoanalysis.

DOI: <http://dx.doi.org/10.24024/23585188v14n1a2021p67085>

Introdução

Este artigo tem como proposta empreender uma discussão acerca da dinâmica familiar, percebendo-a, analogamente, como uma escrita que não cessa. É como dizer que a trama familiar nunca cessa de se fazer escrever. Então, o que mobiliza este constante movimento? A mola propulsora desta dinâmica é exatamente o que escapa ao simbólico ou o que é impossível de se dizer e de se apreender, ou seja, a dimensão do Real desenvolvida pelo psicanalista francês Jacques Lacan em suas elaborações teóricas.

O Real marca um limite entre a linguagem e o indizível, fazendo com que o sujeito orbite diante desse impossível, pois “[...] o real, justamente, é o que não caminha, é o que atravessa o caminho dessa carruagem, bem mais do que isso, o que não cessa de se repetir para enterrar essa marcha” (LACAN, 1974/1980, p. 5).

¹ Graduando do curso de Psicologia | FAFIRE | E-mail: joazthomas@gmail.com

² Doutora pelo programa de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professora da Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), Psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi-CEMPI) da Prefeitura da Cidade do Recife | Orientadora deste artigo | E-mail: fernandawandrade@gmail.com

Portanto, a família é uma escrita que nunca cessa de se escrever em função do que não cessa de não se escrever.

Para alcançar tal finalidade, recorrendo a uma interface entre duas áreas distintas de saber – a linguística textual e os aspectos psicanalíticos da família –, propomos estabelecer um diálogo entre a produção de um texto e a escritura da dinâmica familiar, que implica encontrar pontos de convergência e de divergência.

Na dimensão da escrita de um texto, é importante que se tornem perceptíveis os fatores de textualidade. Tais fatores, inter-relacionados, permitem que uma dada sequência linguística constitua uma composição textual. Estes fatores figuram como critérios de acesso à produção de sentido, mas não são leis que são invariáveis, pois um texto pode existir com a ausência parcial dos referidos fatores de textualidade.

Dentre os sete fatores de textualidade, destacam-se a coesão e a coerência como pedras angulares da construção de um texto. Enquanto a coerência é a lógica que estrutura o texto, importante para que as ideias presentes na produção se coloquem de maneira congruente, a coesão – que auxilia a coerência do texto – figura como elo entre os seus elementos. É preciso que haja um diálogo entre as palavras, frases, períodos e afins, ou seja, articuladores que afinem as partes do texto em prol da produção como um todo. A intertextualidade também é um dos fatores de textualidade de grande importância para a construção textual, haja vista que por ela é viabilizada um mosaico de textos, ou seja, a presença de outros textos ou seus fragmentos dentro de um texto.

Por sua vez, no contexto da família, de maneira similar, uma dinâmica familiar não deve ser vista como um conglomerado de pessoas, mas como um sistema, fruto de uma série de relações que se estabelecem entre os membros, no qual cada um interfere sobre os outros e, por esses outros, cada um é afetado. Esse funcionamento familiar só é possível porque os sujeitos assumem diferentes posições subjetivas na estrutura da família, em decorrência do estabelecimento de uma série de acordos, inconscientes e conscientes, tecendo, todos juntos, uma história, tal qual um lápis que desliza numa folha de papel escrevendo um texto.

Assim, a partir do diálogo entre a produção de um texto e a escritura de uma dinâmica familiar, do mesmo modo que um texto pode ser entendido como um jogo de perguntas e respostas entre os termos, a dinâmica familiar também pode ser entendida como esse jogo de perguntas e respostas entre sujeitos, que assumem posições subjetivas diferentes, no coletivo familiar. Esse jogo de relações que comporá o recorte deste trabalho, na dimensão da família,

se dá em uma *Outra Cena*, não às claras, de maneira intencional, racional e explícita, como ocorre, geralmente, na produção de um texto.

Essa *Outra Cena* explicitada por Freud em a *Interpretação dos sonhos* toca o inconsciente quando o autor teoriza sobre o sonho. É nesse espaço psíquico onde acontece o sonho enquanto realização de desejo.

O inconsciente é o psíquico propriamente real, tão desconhecido para nós segundo a sua natureza interna quanto o real do mundo externo; ele nos é dado pelos dados da consciência de maneira igualmente tão incompleta quanto o mundo externo pelas informações de nossos órgãos sensoriais (FREUD, 1900/2016, p. 640).

Por conseguinte, é a partir deste lugar psíquico, que escapa à consciência e possui dinâmicas e leis próprias, que se dá o cálculo do jogo das perguntas e respostas das posições subjetivas que desenham a dinâmica familiar.

Ao pensarmos em uma família, logo podemos perceber que nela há uma lógica própria que a organiza. As posições subjetivas dos que fazem a família, por exemplo, podem servir de baliza para organizar os sujeitos que compõem este coletivo, escrevendo as letras que compõem tal conjunto. Tal como um texto necessita de uma estrutura para fazer-se inteligível, a família também precisa de uma organização própria, singular, para acomodar – ou desacomodar, excluir, em certo sentido – os seus integrantes.

Como metodologia, este trabalho se constitui em uma pesquisa bibliográfica, apoiando-se, mais especificamente, nos conhecimentos teóricos da linguística textual e nos ensinamentos psicanalíticos de Freud, Lacan e seus seguidores.

Para tanto, como subsídio para a proposta deste artigo, inicialmente apresenta-se o texto do ponto de vista teórico e alguns aspectos que o atravessam em sua composição. Em seguida, abordamos a família e as suas peculiaridades, a partir da psicanálise, e, por fim, explicitamos a interface entre a dinâmica familiar e a escrita de um texto, de modo a percebermos convergências e divergências.

1. Texto: a unidade básica de manifestação da linguagem

Ao olharmos uma imagem, não atemos a nossa atenção aos pixels – a minúscula e menor unidade de uma imagem –, mas sim à sua totalidade, à imagem como um todo. Algo da mesma natureza deve acontecer com um texto, pois, apesar de composto, por vezes, por palavras e frases, apenas isso não caracteriza um texto.

Ao nos depararmos com uma produção textual, embora possamos ver, de imediato, várias palavras que constituem várias frases, não devemos reduzi-lo a estes componentes, pois um texto está para além de uma sequência de palavras e frases. Dialogando entre si, palavras e frases costuram um sentido pretendido pelo autor.

Segundo Marcuschi (1998), é imprescindível que se olhe o texto como um ato comunicativo que comporta ações linguísticas, sociais e comunicativas. Assim, não se pode conceber o texto apenas como uma junção de palavras escritas ou faladas. Dessa forma, um texto está a serviço de vários aspectos que ultrapassam uma mera reunião de palavras e frases, apontando que ali há uma unidade, um todo significativo que comunica. Na perspectiva de Koch (2014), para que uma manifestação linguística caracterize um texto, é preciso que haja o intuito do autor de mostrá-la em uma determinada situação comunicativa.

1.1 Linguística textual

Para pensarmos no texto enquanto uma unidade de sentido, faz-se necessário que olhemos para a sua estrutura, sua organização. E tal olhar é viabilizado através da linguística textual.

A linguística textual, não mais se atendo às frases, suas unidades e categorizações – perspectiva que vigorou por um certo período e tinha apenas a frase como material de análise – propõe uma revisão desta proposta para lançar um olhar mais amplo para o texto. Segundo Koch (2014), o interesse inicial da linguística aplicada era voltado para a sintática-semântica presente em enunciados ou em suas sequências. Com isso, a linguística textual passou a estudar o texto não mais como em partes, as frases, mas como um todo.

A linguística textual toma, pois, como objetivo particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; e sim de ordem qualitativa (KOCH, 2014, p. 11).

1.2 Fatores de textualidade: critérios fundamentais de acesso à produção de sentido

A linguística textual, a fim de estudar o texto, passou a dar importância aos fatores de textualidade, para olhar a unidade textual enquanto estrutura dotada de sentido. Tais fatores de

textualidade atuam como que uma base para o texto e são fundamentais em uma construção textual.

Os fatores de textualidade figuram como critérios de acesso à produção de sentido, mas não são leis, pois um texto pode existir com a ausência parcial dos referidos fatores de textualidade.

De acordo com Beaugrand (1981), são sete os fatores de textualidade: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, coesão e coerência.

Destes, destacam-se, como pedras angulares da construção de um texto, o edifício semântico, a coesão e a coerência. Além dos fatores citados, a intertextualidade também assume uma grande importância na elaboração textual.

1.2.1 Coerência, coesão e intertextualidade

Ao pensarmos em fatores de textualidade enquanto ordenadores de uma produção textual, destacam-se, de imediato, dois dos sete fatores: a coesão e a coerência. A coerência, enquanto via que possibilita sentido ao texto, se sobrepõe por ser continente dos demais fatores de textualidade, pois aponta para a noção de texto de uma forma geral. A coesão, enquanto a conexão dos elementos de um texto, que figura como uma costura que viabiliza o texto enquanto unidade coerente, faz-se também imprescindível por tornar possível a coerência. Assim, há um íntimo diálogo entre a coesão e a coerência, que são de grande importância para um texto.

Sobre a relação entre coesão e coerência:

[...] a coerência se relaciona com a coesão do texto, pois por coesão se entende a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual. Ao contrário da coerência, que é subjacente, a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, o que lhe dá um caráter linear, uma vez que se manifesta na organização sequencial do texto.

[...]

A relação da coesão com a coerência existe porque a coerência é estabelecida a partir da sequência linguística que constitui o texto, isto é, os elementos da superfície linguística é que servem de pistas, de ponto de partida para o estabelecimento da coerência. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na interpretação dos textos, porque surge como uma manifestação superficial da coerência no processo de produção desses mesmos textos (KOCH e TRAVAGLIA, 2001, p. 40 e 41).

Há uma relação de interdependência entre a coesão e a coerência:

Portanto, nos textos em que a coesão está presente – já que ela não é condição nem necessária, nem suficiente da coerência –, pode-se afirmar que ambas as partes passam

a constituir as duas faces de uma mesma moeda, ou então, para usar de uma outra metáfora o verso e o reverso desse complexo fenômeno que é o texto (KOCH, 2014, p. 58).

Nesse sentido, podemos entender a coerência como uma forma de manter a continuidade de um texto, possibilitando, assim, a sua unidade de sentido. Koch e Travaglia (2001) afirmam que a capacidade de lançar mão da coerência na produção textual está diretamente ligada com a habilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, produzir um texto com coerência é entregar ao leitor uma produção com sentido, somando-se também a outras características do leitor para que o texto seja compreendido. Assim, a coerência textual reside no estabelecimento na produção textual de uma unidade, de uma relação entre as suas partes, dos sentidos textuais de cada texto.

Ainda nas palavras de Koch e Travaglia (2001), a coerência está relacionada a uma boa organização textual, mas não no quesito gramatical. O sentido da boa formatação proposto é no que diz respeito à interlocução comunicativa, o que abrange a marcação de um sentido textual.

É também com a presença da coerência que se faz possível a textualidade. Por textualidade, Koch e Travaglia (2001) entendem a conversão de uma continuação linguística em texto.

A coesão, por sua vez, enquanto contribuinte para a elaboração do texto, apresenta-se na superficialidade textual. A coesão funciona como a linha de costura de uma peça de roupa, tecendo as partes do texto para viabilizar, não de forma exclusiva, a coerência do texto. Assim, a coesão contribui para o estabelecimento das relações textuais. Sobre a coesão, enquanto viabilizadora de relações de sentido, Koch (2010) diz que a coesão é a reunião de recursos semânticos que possibilita que partes do texto se conectem. Sempre que um autor faz uso dos elementos coesivos, pode-se entender que laços estão sendo estabelecidos na tessitura textual, a fim de formá-lo um todo significativo.

Embora importante para a produção de um texto, a coesão não confere, por completo, um texto coerente, pois a coerência textual também necessita de outros elementos exteriores ao texto, como o contexto, o conhecimento de mundo, questões sociais, entre outras coisas.

Sobre a coesão e sua presença ou ausência em um texto:

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Assim, em muitos tipos de textos – científicos, didáticos, expositivos, opinativos, por exemplo – a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência (KOCH, 2010,

p. 8).

Portanto, pode-se entender a coesão – elementos coesivos – como o conjunto de recursos que tornam possíveis a continuidade lógica textual, que figuram como pontes entre ideias, a fim de tornar o texto um todo com significado. A intertextualidade, que também é um importante fator na elaboração textual, pode ser entendida como um diálogo entre os textos. Segundo Koch (2000), toda produção textual é um fenômeno heterogêneo, pois revela uma íntima ligação com outros textos que o antecedem e, direta ou indiretamente, o determinam. Nessa perspectiva, um texto nunca é puro, único. Em maior ou em menor grau, textos e seus fragmentos estão presentes em uma produção textual, seja de maneira intencional ou não.

É através da intertextualidade que há uma continuidade dos textos, pois há incidências, direta ou indiretamente, de vários textos em uma produção textual. Assim, o universo textual é viabilizado por textos que o antecedem.

2. A pluralidade e a insistência da constituição família

Ao nos depararmos com a ideia de família, vários significados, sentidos e perspectivas emergem. Tal pluralidade de formas de ver e pensar a família pode ter origem na diversidade que é própria da família e dos distintos arranjos que ela pode apresentar. Suas várias formas de configuração, suas metamorfoses históricas, seus significados, sua importância social, entre outros.

Quando se propõe pensar a família, é importante que se lance uma visão não estática sobre este coletivo. Pensar a família requer um deslocar-se do singular e um alojar-se no plural, na pluralidade. É preciso reconhecer que se fala de “as” famílias quando se aborda a temática da família.

No que se refere à maleabilidade da ideia de família, Zimmerman (2004) diz que a família nuclear, constituída por pais e filhos, por exemplo, representa cada vez menos a maioria das configurações familiares na contemporaneidade. Diversas outras configurações que não essas são cada vez mais comuns nos dias atuais, como casais que vivem separadamente, casais divorciados, pais e mães solteiras, casais homoafetivos, entre outras.

Entretanto, apesar da elasticidade própria do arranjo familiar, este conjunto persiste. Segundo Meira (2014), apesar das inúmeras configurações contemporâneas, a família persevera

em existir, o que oferece fenômenos para que as mais diversas áreas dos saberes se debrucem sobre o tema e o estudem.

3. Família: a lógica do coletivo na perspectiva psicanalítica

O interesse do presente artigo se volta para as relações entre os membros do coletivo familiar, a sua dinâmica própria, que, segundo Meyer (1984), é o conjunto de intercâmbio e influências mútuas que acontecem entre os membros da família.

Ainda de acordo com Meyer (1984), as tramas familiares iniciam-se mesmo antes do nascimento de uma criança, por exemplo, pois, antes dela, já havia palavras para compô-la subjetivamente. A família, assim, já vem sendo desenhada imaginariamente há algum tempo, não se resumindo apenas ao nascimento ou inserção desejada de determinado membro para o seu *start*. Há uma gestação do conjunto familiar antes de ela emergir no real.

Sobre as relações de uma família e sua construção, o funcionamento de uma família implica uma *composição*, só que essa composição é inconsciente; implica um *pool* de contribuições inconscientes, ocultas, para a criação do padrão do seu funcionamento (MEYER, 1984, p. 34).

A psicanálise olha para o sujeito enquanto ser único que é composto por uma *Outra Cena*, como dito por Freud em sua obra fundamental *A interpretação dos sonhos*, de 1900, o inconsciente, um saber que não está disponível à consciência desse sujeito, como explicitado anteriormente.

Pensar na família por um viés psicanalítico implica uma visão característica de tal coletivo. De acordo com Carvalho Filho (2010), quando pensamos em família, a partir da psicanálise, estamos diante de uma ficção, uma construção mítica particular, tecida através de laços imaginários que mantêm unidos os seus integrantes, local onde se organiza uma dinâmica própria.

Diferentemente de outras formas de perceber a família, a psicanálise propõe observá-la por um viés característico:

O que a psicanálise propõe, então, introduzindo o conceito de sujeito, é que a família possa ser vista não como uma massa, uma soma de individualidade, mas, sim, como um conjunto aberto, uma coleção de singularidades, em que cada membro possa ser tomado *um-a-um* (MEIRA, 2014, p. 77).

No livro *Escritos* (1998), Lacan, num artigo intitulado *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*, disserta sobre tempo e sua lógica, a partir de um problema lógico apresentado inicialmente. Além disso, o autor lança mão da lógica do coletivo para pensar o mesmo problema.

O problema gira em torno de três prisioneiros que recebem um enigma para ser solucionado entre eles e, em caso afirmativo, a liberdade é a recompensa. Cinco discos de cores brancas e pretas serão fixados em suas costas sem que eles saibam as suas respectivas cores. A partir disso, cada prisioneiro deve, através da lógica, concluir a cor do seu disco e comunicá-la ao diretor do presídio para que ele ratifique o seu pensamento e conceda a liberdade.

Desta explanação feita por Lacan acerca da lógica do tempo podemos destacar a lógica do coletivo. Para alcançar a resolução do problema proposto, os prisioneiros precisam fazer um cálculo, através dos outros, para que se constitua um saber acerca de si próprio. Nesse sentido, percebe-se quão importante é a coletividade para a elucidação do problema, visto que um sujeito está em função do outro para que se alcance o objetivo. Para Lacan (1998), nesse sentido, cada sujeito funciona como outro para os outros. O saber não estava com o prisioneiro, mas se tornava possível a partir dos outros prisioneiros.

É a partir dessa lógica do coletivo que propomos pensar a família. Assim sendo, a família é um coletivo onde há de se fazer, por parte de cada sujeito que a integra, um cálculo para que se possa posicionar-se subjetivamente diante dos outros. Pensar a família, então, é lançar um olhar ao sujeito, no um a um ali presente, mas não esquecendo de perceber a coletividade familiar, tendo em vista que é a partir dessa inter-relação, dessa percepção do outro que se faz sujeito na rede familiar.

Assim, para a psicanálise, a família não se resume a um saber inconsciente do coletivo familiar, posto que haveria uma certa massificação dos sujeitos com essa forma de pensá-la. Na estrutura familiar, mais importam as subjetividades que a compõem, as singularidades que tecem esta organização coletiva.

Quando se propõe discutir questões de família a partir do arcabouço teórico-prático da psicanálise, primeiro há um olhar para o sujeito antes mesmo de direcionar olhar à família, a fim de perceber o entrecruzamento dos encontros e desencontros que estão presentes em cada família – que é única.

4. A incidência do Real e a escrita da dinâmica familiar

Enquanto um autor elabora o seu texto, este se preocupa com o encadeamento das partes, pensando em elos semânticos e sintáticos para concluir a sua produção textual e entregar um todo significativo e coerente ao leitor. Tal condição inteligível do texto se deve, em parte, aos elementos coesivos que encaminham à coerência textual, como dito anteriormente. Assim, há uma dança das partes dos textos que se dirigem a uma mesma cadência.

A dinâmica familiar e suas relações também podem ser percebidas como a escrita de um texto, texto esse que não cessa de escrever-se, movida, justamente, pelo impossível de se dizer e de se apreender: a dimensão do Real. Resultante do indizível, essa escrita é constante, mas nunca plena, a fim de balizar as posições subjetivas dos sujeitos que a compõem.

Jacques Lacan, no desenvolvimento de suas ideias, teorizou a respeito de três dimensões constituintes do sujeito: o simbólico, o imaginário e o real. Vanier (2005), em síntese, diz que o simbólico se refere à linguagem que faz a mediação da relação entre os sujeitos. O imaginário alude à imagem do próximo e ao ‘corpo próprio’. E o real, que não é a realidade, é o resultado do que o simbólico não dá conta, ou seja, o que não está ao alcance da linguagem.

Para pensarmos na escrita constante da trama familiar, destacaremos a dimensão do Real como o que insiste em cada sujeito e, conseqüentemente, na cadeia familiar como um todo. Fink (2018), ao introduzir os fundamentos da psicanálise lacaniana, afirma que o Real é o que a palavra não alcança ou não foi elaborado. A partir de Freud, o Real também pode ser percebido como trauma, como experiências traumáticas que as palavras não deram conta.

Sendo assim, também é possível perceber esses três registros no coletivo familiar.

Para pensarmos a família, temos *elementos imaginários* – por exemplo, os mitos e as histórias que caracterizam a família – elementos simbólicos – relativos a lugares, funções –, e *elementos reais* – ligados ao gozo, ao que não se representa na linguagem e circula pela família (MEIRA, 2014, p. 277).

Em alguns momentos, esse Real irrompe e invade o coletivo familiar, colocando os sujeitos diante da estranheza e do desconhecido, desarticulando e desarranjando acordos estabelecidos conscientes e inconscientes.

Quando o Real incide sobre a trama familiar, os sujeitos, quando possível às subjetividades dos que compõem o coletivo familiar, se colocam em uma nova escrita de sua trama, pois a que vigorava teve a marcha travada pelo que foi deixado de lado pelo simbólico, pelo que não é possível de ser apreendido.

Para Meira (2014), o coletivo familiar, para lidar com esse estranho que o assola, lança mão de acordos e sintomas, a fim de escamotear o Real, o que está fadado ao fracasso, pois não há cura para o Real. Há de se inventar e criar com os seus fragmentos, há de se empreender uma nova escrita que leve em consideração o impossível do Real. Portanto, devido às incidências do Real, há uma escrita familiar que não cessa.

Mudanças que acontecem na família, reorganizações dos arranjos e afins são fenômenos captados pelos seus integrantes e articulados de forma consciente e, inclusive, inconsciente, tendo a *Outra Cena* como fundamental importância para as novas produções do coletivo familiar. Pode-se dizer que a família enquanto vivência de singularidades está atenta a essas modificações, consciente e inconscientemente, a fim de posicionar cada sujeito em prol da fruição do caminhar da família. Essa organização buscada pela família também pode comportar uma desorganização, alocando algum dos seus integrantes em posições de sofrimento, de apagamento e afins, mas, ainda assim, neste caso, a família sustenta o seu modo de funcionamento, mesmo com posições desconfortáveis para alguns sujeitos. Nesses movimentos subjetivos que desenham o arranjo familiar, todos se beneficiam, não sendo possível apontar vítimas e culpados.

5. Possibilidades e impossibilidades do diálogo entre a escrita textual e a escrita da dinâmica familiar

A fim de estabelecer um diálogo entre duas áreas distintas de saberes, no decorrer de todo o texto, foram apresentados aspectos da produção textual e alguns pontos que estão implicados nessa elaboração, como também algumas facetas que dizem respeito à família, a suas dinâmicas e a seus funcionamentos.

Diante disso, como um resultado comum de uma analogia, foi possível perceber, entre as áreas descritas, pontos que se aproximam e de distanciam.

A princípio, quando lançamos o olhar para a coerência textual enquanto um importante fator de textualidade presente nos textos, o entendemos por um viés racional, lógico e proposital, o que se distancia da coerência familiar que é atravessada por questões que não estão pautadas nessa forma de funcionamento racional. Organizar um texto fazendo dialogar as suas ideias, buscando estabelecer coerência, requer processos cognitivos como a atenção, o pensamento, entre outros. Nesse sentido, a coerência pode ser entendida como um fenômeno que acontece a nível consciente.

Contudo, a partir da leitura da obra *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901) construída por Sigmund Freud, podemos pensar que a coerência textual, como qualquer outra ação de um sujeito, não comporta apenas os aspectos conscientes, pois “[...] certas funções que parecem desprovidas de intenção revelam-se, quando lhes é aplicado o procedimento da investigação psicanalítica, como bem motivadas e determinadas por motivos desconhecidos para a consciência” (FREUD, 1901/2018, p. 278).

Freud explicita, dessa forma, que o sujeito carrega consigo um determinismo psíquico que antecede os seus atos, apontando para os conteúdos inconscientes enquanto influenciadores dessas ações.

Sendo assim, o que a princípio marcaria um ponto de total divergência entre a coerência textual e a coerência familiar, após abordarmos o determinismo psíquico do sujeito teorizado por Freud, desvela-se uma outra face desse diálogo possível. Há uma certa aproximação entre as coerências textual e familiar, já que a família é atravessada por uma *Outra Cena*, por incidência dos processos inconscientes, que também se faz presente na própria produção textual (no que diz respeito ao próprio tema escolhido, bem como à organização coerente dada ao conteúdo abordado). Assim, na própria produção textual não se eliminam as manobras eventuais do sujeito inconsciente.

Dessa forma, a coerência familiar, pautada em uma outra lógica, que não a racional, mas sim na lógica do um a um, que orchestra o coletivo, pode ser destacada no funcionamento da família. Há um trabalho inconsciente e, por vezes, consciente, na família e com os seus membros, para atingir uma organização singular possível. É um esforço que se traduz no modo próprio de funcionamento da família. Nesse sentido, a coerência é única e singular a cada família.

Diante disso, podemos pensar em um filho que sustenta os sintomas de um casal. Lacan (2003) diz que o sintoma da criança, enquanto apontamento para a verdade, pode funcionar como resposta ao que há de sintomático na cadeia familiar.

Há um esforço para que esta criança sustente o sintoma, em prol da inabilidade subjetiva de seus familiares para lidarem com tal questão sintomática. Essa pode ter sido uma saída possível para o caminhar dessa família. Para Souza e Sei (2014), a fim de encontrar uma saída para a problemática dos membros familiares, é eleito um “paciente identificado” como depositário das angústias e dificuldades desses membros familiares.

Esse pode ser um código encontrado pela família para viabilizar o seu funcionamento naquele momento. Mesmo no desconforto que é para essa criança portar um sintoma que,

digamos, não é unicamente seu, há um lugar subjetivo possível para ela, há uma posição garantida no meio familiar, o que confere a ela participação nesse conjunto. É nesse sentido que, no conforto ou desconforto subjetivo, a família se des-organiza para manter-se coerente à sua maneira. Nessa configuração, a coerência, orientada por uma lógica própria à família, se estabelece com essa alocação subjetiva de seus membros.

Com essa coerência trincada, desestabilizada, desarticulada, haverá um novo esforço desse conjunto familiar para instituir uma nova coerência viável, na lógica do coletivo e do inconsciente, para eles. Assim, a escrita familiar enquanto estrutura não cessa de se fazer escrever, justamente porque há sempre algo da ordem do Real que passeia na trama familiar, causando tropeços e pondo à prova os acordos estabelecidos entre os seus integrantes. Sendo assim, há uma sensibilidade e atenção do coletivo familiar para os fenômenos que a atravessam, para que haja um manejo entre os seus componentes, a fim de balizar as posições subjetivas do coletivo.

Quando se fala em estrutura da família, Meira aponta que, independentemente da família, se farão presentes leis e normas que regulam a sua dinâmica:

Considerando a família do ponto de vista estrutural, fala-se em posições, lugares e funções – de pai, mãe e filho. O modo de funcionamento da estrutura sustenta-se na combinação dessas posições, ressaltando-se a importância da articulação da função paterna com a materna na constituição da subjetividade (MEIRA, 2014, p. 74).

Nessa perspectiva, nota-se que as relações subjetivas no seio familiar estão imbricadas e correlacionadas, fazendo com que os sujeitos se coloquem nas relações e dinâmicas à luz dessas tramas confluídas.

Na constituição da coerência familiar, regida pela lógica do coletivo e do inconsciente, também pode-se perceber a dança dos elementos coesivos figurando como os sujeitos que compõem a família. Como palavras que se organizam para constituir um texto coerente, também há uma organização da família para que os sujeitos e suas posições subjetivas se organizem em prol do estabelecimento de uma dinâmica familiar. São essas posições que encaminham uma dinâmica familiar, um funcionamento próprio para ela.

Estamos falando de mais um encontro possível entre esses dois saberes, os elementos coesivos de um texto e as posições subjetivas do coletivo familiar. Para encadear o texto, o autor lança mão de elementos coesivos que servem como pontes que permitem ligações e diálogos entre as partes do texto. Na família também podemos perceber os sujeitos se comportando como tais elementos coesivos, pois cada sujeito se posiciona de uma forma em

determinado momento no contexto familiar, haja vista os acordos explícitos e implícitos entre eles, que demandam à família uma continuidade integrada, nem que seja por um arranjo patológico.

Essas posições que se tomam diante do coletivo familiar não se passam a nível consciente, ao menos em boa parte, pois tais posições subjetivas vão falar de histórias únicas e singulares de cada sujeito, de suas faltas, de suas fantasias, de suas formas de gozar. O posicionamento de cada sujeito na família depende, então, da encruzilhada onde se encontram todos esses aspectos inconscientes de cada membro da família. A partir desses encontros e desencontros, vai se constituindo a forma de funcionamento da família, a escrita peculiar do texto-família.

Mais uma vez se percebe como a família é um coletivo sensível às nuances de cada um dos membros que a compõe e está sempre em equilíbrio dinâmico, pois esses movimentos inconscientes que apontam para uma dinâmica familiar não são estáticos e estão em vicissitudes constantes, cabendo a cada membro da família se posicionar e se reposicionar diante dessas relações e das contingências dessa tensão constante.

Além disso, da mesma forma que na dinâmica familiar pode ser percebido um funcionamento similar desempenhado pela coerência e coesão em um texto, a família, vista a partir da lógica do coletivo e do inconsciente, também acena para uma interface com a intertextualidade, um dos sete fatores de textualidade.

Se por intertextualidade podemos entender a escrita de um texto a partir de outros textos que já existem, podemos pensar em uma aproximação desse fator de textualidade com a dinâmica familiar. Na família, como descrito anteriormente, há um cálculo coletivo, onde o sujeito se posiciona a partir do outro. Logo, a constituição subjetiva no meio familiar pode ser percebida como um fenômeno análogo à intertextualidade. A posição subjetiva do sujeito no coletivo familiar, desta forma, compõe-se como um texto que fiska trechos dos outros sujeitos e compõe-se entrelaçando as suas palavras com as palavras dos outros. O sujeito se faz, então, intertextual, a partir do outro.

Em mais uma aproximação possível entre a escrita textual e a escrita da dinâmica familiar, podemos perceber que, da mesma maneira que um texto é antecedido por regras gramaticais, ideologias, historicidade e afins, há também, na família, conteúdos psíquicos que a antecedem, pois a família não se resume àquele coletivo presente. Há códigos e segredos dos antepassados a essa família, por exemplo, que também estão presentes nela. Para o sujeito, como afirma Correa (2003), a família é um berço psíquico feito de conteúdos que se originam e são perpassados por diferentes gerações.

Nesse processo de transmissão da herança psíquica de um coletivo familiar para os seus descendentes, conteúdos não sabidos, não ditos, não simbolizados e, portanto, inconscientes, são marcados na subjetividade dos que darão continuidade à trama. “Aquilo que se transmite é o que não pôde ser contido, retido, aquilo que não é lembrado, o que não encontra inscrição na psique dos pais e vem depositar-se ou enquistar-se na psique de uma criança” (KAËS, 2011, p. 128).

A herança psíquica de familiares antepassados, ou seja, a transgeracionalidade, está presente em um arranjo familiar, mesmo que estes membros antecedentes já estejam ausentes. Nesse sentido, um pré-texto pode funcionar como baliza para a subjetivação de um sujeito. E, aqui, fazendo valer a polissemia das palavras e seus enodamentos, pré-texto em seu duplo sentido: algo que está antes, prévio e o motivo que encobre algo.

Como conteúdo transmitido psiquicamente, podemos supor um trauma de um pai que não foi simbolizado por ele, permanecendo tal conteúdo inconsciente. Esse pai, em suas vivências familiares, pode transmitir o conteúdo traumático em suas vicissitudes para o filho, por exemplo. A criança, inicialmente, que é dependente desses outros parentais ou afins, capta o que é próprio de seus pais para se constituir enquanto sujeito, sendo uma condição favorável para as transmissões psíquicas. Inclusive, daí, surgem as repetições nos filhos de algo que não foi elaborado pelos pais, como uma assombração que exige simbolização, retratando uma escrita que não cessa de não se escrever, o que aponta para a incidência do Real no coletivo familiar, fazendo-o dar voltas em torno desse conteúdo não simbolizado, impulsionando, assim, escritas de tramas possíveis às subjetividades dos que compõem a família. Com isso, percebe-se a continuidade dos conteúdos dos sujeitos que antecedem e que sucederão a família.

Nesse sentido, quando pensamos no autor de um texto, percebemos que ele encarna um léxico, que uma determinada cultura o circula e, conseqüentemente, um conjunto de ideologias se coloca a ele. O autor de um texto, de uma forma ou de outra, está sob inúmeras influências, por vezes não percebidas por ele. Não que esses fatores irão determinar qual a escrita sairá das mãos do sujeito, mas podem figurar como balizas para a produção textual. Há regras de pontuação, de gramática, de textualidade, de temática e afins que estão na retaguarda de um autor de um texto e que influenciam em seu resultado final. Esse aspecto referente ao autor de um texto se aproxima da dinâmica familiar enquanto uma composição de sujeitos singulares. Analogamente, podemos dizer que há um léxico fantasioso e desejante por parte dos pais ou pessoas que estejam na organização da família que forrará o berço para o advento do sujeito que irá chegar em uma família. E como, inicialmente, esses novos sujeitos precisarão

acessar os códigos e bases estruturais dessa família, cabe-lhes colocar-se a par de toda essa comunicação e falas da *Outra Cena*, como também dos conteúdos conscientes.

Cada integrante do coletivo familiar traz consigo desejos, fantasias, experiências traumáticas e afins que se entrecruzam e arquitetam um roteiro para os seus componentes, que não hesita em atualizar-se e reorganizar-se, a partir do que toca àquela família, quer por contingência, quer por modificações subjetivas. Conseqüentemente, antes do nascimento de uma criança esperada por um par ou outras configurações de cuidadores, também se apresentam ideias que estão na retaguarda desse sujeito. As fantasias, por exemplo. Há desejos, conscientes e inconscientes, que arquitetam uma existência imaginária de uma criança antes de sua chegada ao seu lar. Esses conteúdos próprios ao país, quando direcionados à criança, podem favorecer uma nova escrita da história dos pais, fazendo-se legitimar o tempo *a posteriori* apresentado por Freud em suas teorizações.

Para Roudinesco e Plon (1998), o *a posteriori* é uma reescrita das vivências passadas que são significadas no sujeito em um momento posterior. Possibilitado por novas experiências, uma nova significação de conteúdos passados se faz possível para o sujeito.

A profissão, o jeito de ser, as preferências, os gostos, os parceiros amorosos e as fantasias parentais que até podem ser expressas em palavras em torno do berço da criança são alguns exemplos que estão antes da chegada desse bebê e que, direta ou indiretamente, influenciam em sua constituição subjetiva. Neste mesmo sentido, Teodoro e Baptista (2011) apontam que os pais transmitem uma herança psíquica que a criança precisará ajustar ao seu campo desejante.

Sendo assim, tanto do autor de um texto quanto de um sujeito em desenvolvimento no laço familiar, é preciso esforço para que lidem com essa retaguarda, a fim de imprimirem a sua singularidade no texto pré-escrito e, a partir dele, construir um texto próprio de sua existência.

Além dessas interseções apontadas, pontos de corte na analogia proposta entre a escrita de um texto e a escrita da dinâmica familiar também foram encontrados.

O fazer textual de um sujeito, na maioria das vezes, se dá em um processo individual. Mesmo dialogando com outros – externa e internamente –, uma única pessoa, com suas ideias e seus objetivos, produz um texto, assumindo, isoladamente, a sua autoria. Isso não acontece na escrita da trama familiar, pois é preciso outros sujeitos para se constituir um coletivo familiar, sendo uma produção conjunta. E é através desses outros, inclusive, que acontece o cálculo coletivo para as posições subjetivas, como apresentado por Lacan (1998) em seu texto chamado *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*.

Também percebemos divergência no que diz respeito à presença da harmonia na escrita de um texto e na escrita da trama familiar. Em uma produção textual, é possível que o autor atinja uma harmonia entre as ideias apresentadas, formando uma unidade simétrica, tendo em vista que o que está em jogo é a consistência imaginária. Em se tratando da escrita da trama familiar, o mesmo não pode ser dito, pois o jogo de posições subjetivas, embora busque, ilusoriamente, uma harmonia entre os membros familiares, está fadado ao fracasso, haja vista a condição estruturante da falta dos sujeitos, apontando, assim, para a ex-sistência. Mesmo nas idas e voltas de colocação de cada sujeito na família, mesmo com os sacrifícios das posições que se tomem em frente à família, mesmo com todos os esforços dessas danças subjetivas em prol da dinâmica familiar, sempre haverá o mal-estar na família, pois a falta e o vazio são estruturantes de cada sujeito e não haverá tamponamento que os cale, mesmo numa família que aparente suprir todas as necessidades dos sujeitos.

De acordo com Meira (2014), não há conserto para a família. Assim, é na falha deste coletivo que o sujeito emerge. A sonhada harmonia familiar é uma ilusão, o que é salutar para os sujeitos que compõem o coletivo familiar, pois, para o advento de um sujeito desejante, é necessário um furo nessa trama familiar, uma falha. Caindo nesse furo, o sujeito poderá lançar seu desejo para além da família, escrevendo as suas possibilidades de lidar com o seu mal-estar e a sua falta estrutural.

Considerações finais

A partir da linguística textual, compreendemos que o texto é um ato comunicativo atravessado por fatores de textualidade que o constituem. A psicanálise, por sua vez, apresenta a dinâmica familiar como um coletivo de sujeitos que são influenciados por acordos e pactos conscientes e inconscientes estabelecidos entre si. Dessa forma, foi possível estabelecer um diálogo entre esses dois saberes, explicitando convergências e divergências.

A coerência como a maneira singular de uma família organizar-se, mesmo que seja de uma forma patológica; os elementos coesivos que apontam para os sujeitos e suas posições subjetivas orquestrando a dinâmica familiar; a intertextualidade enquanto a constituição da escrita-familiar através de outros-textos de *Outra Cena*; e os textos pré-escritos que antecedem o surgimento da escrita textual e familiar foram aproximações que se mostraram possíveis entre a produção de um texto e a escrita da trama familiar.

A individualidade de uma produção textual e a coletividade própria à família para a formação de sua trama, como também a harmonia possível a um texto e a sua impossibilidade pela dimensão do Real quando pensamos no coletivo familiar, constituindo-se como uma escrita que não cessa, marcaram um distanciamento entre os saberes apresentados.

Com o diálogo dessas diferentes áreas de saber, foi possibilitada mais uma forma de compreender algumas particularidades de mecanismos atuantes no funcionamento de uma família, tomando como ponto de partida a escrita textual e alguns aspectos nela implicados.

Referências

- BEAUGRANDE, Robert de. **Text, discourse and processes**. London, New York: Longman, 1981.
- CARVALHO FILHO, João Gualberto Teixeira de. **A acepção de família na teoria psicanalítica: Sigmund Freud, Melanie Klein e Jaques Lacan**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências Econômicas, UFMG, Belo Horizonte, p. 158. 1989.
- CORREA, Olga B. Ruiz. **Transmissão psíquica entre as gerações**. Psicologia USP, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 34-35, 2003.
- FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: LP&M, 2016.
- FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Porto Alegre: LP&M, 2018.
- KAËS, René. **Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2000.
- KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- LACAN, Jacques. La tercera. *In: Actas de la Escuela Freudiana de Paris*. Barcelona: Ediciones Petrel, [1974/1980], p. 159-186.

- LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. *In: Escritos tradução* Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. Nota sobre a criança. *In: Outros Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de referenciação na produção discursiva**. vol. 14. São Paulo: Revista DELTA, 1998.
- MEIRA, Yolanda Mourão. **O porão da família**: ensaios de psicanálise. 2. ed. São Paulo: Artesã, 2014.
- MEYER, Luiz. **Família**: dinâmica e terapia: uma abordagem psicanalítica. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SOUZA, Bruna Maria; SEI, Maíra Bonafé. A localização da queixa familiar em um paciente identificado. **Revista Conexão**, Londrina, v. 10, n.1, p.102-111, 2014.
- TEODORO, Maycoln L. M.; BAPTISTA, Makilim Nunes. **Psicologia de família**: teoria, avaliação e intervenções. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- VANIER, Alain. **Lacan**. Tradução Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- ZIMERMANN, David. E. **Manual de técnica psicanalítica**: uma revisão. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido em: 05.08.2020

Aprovado em: 17.09.2020

Para referenciar este texto:

CABRAL, Thomas Joaz Gonçalves; ANDRADE, Fernanda Wanderley Correia de. Família: uma escrita que não cessa (...). **Revista FAFIRE**, Recife, v. 14, n. 1, p. 67-85, jan./jun. 2021.